

HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO

Resenha do livro “Imprensa como trincheira: as contribuições de Rachel de Queiroz para o jornalismo brasileiro”.

Luana Maciel¹

A recente obra, “*Imprensa como trincheira: as contribuições de Rachel de Queiroz para o jornalismo brasileiro*”, publicada em 2017 pela Universidade Federal de Goiás, é de autoria da jornalista Letícia Arantes Jury, mestra em Comunicação, Cultura e Cidadania pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás. É especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela UFG, docente em cursos de Pós-graduação e palestrante sobre temas relacionados ao Jornalismo, Novas Mídias, Tecnologias Digitais, Comunicação Institucional, Terceiro Setor, Política, Cultura e Literatura.

Em seu livro, Letícia Arantes narra a história de Rachel de Queiroz e de seus trabalhos enquanto cronista da revista *O Cruzeiro*, onde escreveu na coluna *Última Página* durante 30 anos de sua carreira. Finalizou seu trabalho na revista em 1975, com o total de 496 crônicas publicadas. Trabalhou na editoria de artigos ao lado de J. Rego Costa, Austregesilo de Athayde, Genolino Amado, Gilberto Freyre e Drew Pearson. Sem dúvidas, Rachel de Queiroz marcou a década de 50 escrevendo sobre temas sociais que faziam parte da sua vida; entre eles, a criminalidade e a violência, a seca do Nordeste e as dificuldades dos moradores da região, o preconceito racial, o machismo, a luta das mulheres, a importância do voto, o abandono infantil e a desvalorização da literatura.

Letícia Arantes, na apresentação do livro, aponta que o seu objetivo foi buscar “*contribuir com os demais estudos de jornalismo, que encontram no gênero opinativo uma finalidade social*” (2017, p. 19). Nesse sentido, a autora escolhe, por dois motivos, o nome Rachel de Queiroz para concretizar seu objetivo. Primeiro, pela importância dessa personalidade, a julgar pela sua posição de mulher e sertaneja da década de 50, um período estraçalhado de preconceitos. Segundo, pela contribuição do seu trabalho que escancara esse universo hostil limitado por posturas intolerantes. Rachel de Queiroz supera, com muita bravura e sensatez, todos esses empecilhos. A sua maneira de escrever e interpretar a realidade conquistou milhares de leitores mundo afora. Não é à toa que foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Carlos Heitor Cony já afirmava: “*O Brasil tem muitas princesas em sua literatura. Rainha, uma só: seguramente, Rachel de Queiroz*” (CONY, 2003 apud JURY, 2017, p.13).

¹ Estudante do 2º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

O título do livro também tem uma explicação bem plausível no quesito criatividade. A autora explica que a expressão “*imprensa como trincheira*” era bastante recorrente nas falas da cronista Rachel de Queiroz, que considerava os jornalistas verdadeiros combatentes e, assim como na guerra, deviam utilizar as trincheiras como abrigo e proteção perante os inimigos. Nesse caso, o inimigo seria qualquer ameaça à liberdade da palavra e do pensamento. O jornalista deve ter total autonomia para traçar seus próprios limites segundo seus próprios valores, e não deixar que mais alguém o faça. É uma metáfora genial, haja vista o histórico de ódio e censura contra a imprensa no Brasil. Letícia Arantes menciona *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, que foi confiscado por apoiar a revolução constitucionalista de 1932.

Diferentes temas são distribuídos ao longo de 10 capítulos, cada um deles com seu referencial bibliográfico. A obra totaliza 232 páginas, incluindo um catálogo organizado das crônicas escritas pela autora, com seu respectivo tema, título, página e data de publicação. Na capa do livro, há a fotografia de Rachel de Queiroz, retirada do “*Cadernos de Literatura*” do Instituto Moreira Sales. Na imagem, a autora aparece com um sorriso alegre, o que demonstra sua leveza de espírito e sua simplicidade. A responsável pelo planejamento gráfico, composição da capa e editoração eletrônica foi Géssica Marques. E, finalmente, na contracapa do livro, há uma breve apresentação biográfica da autora Letícia Arantes.

Em “Os passos de uma precursora”, Letícia Arantes conta a história de Rachel de Queiroz desde menina. Nasceu em Fortaleza, no dia 17 de novembro de 1910, filha do casal Clotilde Franklin e Daniel de Queiroz. Após 45 dias desde seu nascimento, Rachel mudou-se com a família para Quixadá, onde seu pai era juiz de Direito. Em 1913, retorna para Fortaleza, já que seu pai havia sido nomeado promotor de Justiça. Entretanto, um ano depois, Daniel de Queiroz pede demissão e assume o cargo de professor de Geografia no Liceu, onde permaneceu até 1915. Entre 1917 e 1919, a família de Queiroz muda-se para o Rio de Janeiro, depois Belém, e retorna ao Ceará, inicialmente em Guaramiranga e depois em Quixadá.

Aos cinco anos, sob os ensinamentos de seu pai, Rachel de Queiroz leu “*Ubirajara*”, romance de José de Alencar. Esse interesse prodígio pela literatura estimulou seus primeiros escritos, “*Contos cheios de tempestades, de um romantismo terrível*”. Lia grandes clássicos como Eça de Queiroz, Balzac, Zola e Dostoievski. Em 1925, se forma no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza. A partir desse momento, já numa fase madura, Rachel de Queiroz segue uma linha regionalista de escritos. Compôs dois romances de ambientação cearense, *O Quinze* – sua obra mais popular – e *João Miguel*.

Sobre as obras, Bosi analisa: “O diálogo é corrente, lembrando as vezes a *novelística popular que, mais tarde, atrairia a escritora a passar do romance para o teatro de raízes regionais e folclóricas*” (BOSI, 1994, p. 396 apud JURY, 2017, p. 25).

A autora também passou a se interessar por assuntos políticos e justifica essa sua disposição na seguinte afirmativa: “*Sou um animal essencialmente político, sempre me interesso apaixonadamente por tudo que acontece nessa área, seja na minha província, no meu município, no país ou no resto do mundo*” (QUEIROZ, 2002, p.8 apud JURY, 2017, p. 17). Segundo a análise de Bosi (1994), a autora assumiu diferentes posturas ideológicas: do socialismo liberal ao sentimento conservador. No contexto do tenentismo e do Estado Novo, Rachel de Queiroz mantinha um caráter revolucionário e defendia o comunismo e o integralismo. Mas, passada a ditadura, Rachel mostrou-se mais conservadora no sentido de defender passionalmente as raízes do *status quo*.²

Rachel de Queiroz é considerada uma das mais importantes escritoras do século XX. Adquiriu muitas conquistas possantes no decorrer da sua carreira. Ganhou o prêmio de Sociedade Felipe de Oliveira com a publicação de *Três Marias*. A Academia Brasileira de Letras lhe concedeu o prêmio Machado de Assis pelo seu conjunto de obras. Em 1958, publicou *O galo de ouro* e em 1969 *O Menino Mágico*, e como resultado recebeu o Jabuti da Literatura Infantil. Ela deixou sete romances e sua obra foi adaptada para o cinema e para a televisão com grande sucesso. Ela se considerava antes de tudo jornalista. Era por meio do jornalismo que ganhava seu sustento e sua inspiração de vida. Escrever sobre o mundo e para o mundo era a sua grande missão. E a cumpriu. Rachel de Queiroz faleceu no dia 4 de novembro de 2003 e, desde então, é lembrada por cada mensagem que buscou passar ao mundo.

Em “O jornalismo e a trincheira de Raquel de Queiroz”, Letícia Arantes analisa o “fazer jornalístico” de Rachel de Queiroz, que valoriza tanto a liberdade de imprensa quanto o respeito pela integridade humana. Nesse sentido, a autora defende que o jornalismo deve ser pautado por princípios éticos e humanos. A veracidade das informações e a honestidade com o público são quesitos fundamentais para o exercício da profissão. O papel do jornalista, segundo Rachel, é de denúncia e utilidade pública. Ela faz um comparativo entre o papel do jornal e o papel da Bíblia: “*só pode ser usado em serviço da justa causa, do bem de todos e do bem de cada um*”. (QUEIROZ, 1955, p.96 apud JURY, 2017, p.32). Na crônica *Jornalistas* (1951), Rachel de Queiroz enfatiza que o

² Segundo Socorro Acioli, Rachel de Queiroz apoiou o Golpe Militar de 1964. Ler mais em “*Rachel de Queiroz*” (ACIOLI, 2016).

jornalista deve amar o que faz. Somente assim ele terá o prazer de investigar, analisar, e correr riscos para produzir uma boa matéria.

Como jornalista, Rachel de Queiroz trabalhou em muitos jornais, dentre eles *O Ceará* – sua primeira experiência profissional –, *O Povo*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário da Tarde* e *Estadão*. Em 1945, inicia seus trabalhos como cronista em *O Cruzeiro*. Seus primeiros textos, segundo Letícia Arantes, já apresentavam aspectos regionalistas, com um teor crítico, analítico e irônico. Rachel também mantinha relacionamento próximo com o leitor. Por meio de correspondências, a cronista ganhava mais intimidade com o público e entendia que seu trabalho tinha valor a partir dos feedbacks dos leitores.

Em “Jornalismo e resistência”, a autora estabelece uma comparação entre Rachel de Queiroz e o jornalista Marques de Melo. Os dois nascidos no sertão nordestino, vivenciaram experiências de miséria e abandono; mas, mesmo diante desse contexto, nunca negaram suas raízes; pelo contrário, foi apenas outro motivo pelo qual escolheram o jornalismo. Pelas palavras de Letícia Arantes, entende-se que ambos encontraram no jornalismo o “*sentido de buscar alternativas que correspondam às aspirações dos contingentes de famintos de cultura e sedentos de informação, que são fundamentais para converter os cidadãos em agentes sociais ativos, participantes e não meros manipulados pela mídia*” (JURY, 2017, p. 38). Neste sentido, a imprensa é responsável por fortalecer a democracia a partir das denúncias feitas publicamente a respeito dos desvios cometidos pelo indivíduo e pelas instituições.

A respeito do tipo de texto jornalístico escolhido por Rachel de Queiroz – a crônica –, Letícia Arantes dedica algumas páginas do livro para dialogar sobre suas principais características. Foi na crônica o espaço onde a sertaneja melhor registrou suas lembranças, opiniões, afetos e indignações, afirma a escritora Heloisa Buarque de Hollanda. A jornalista costumava organizar suas crônicas agrupadas em coletâneas, sendo o primeiro volume lançado em 1948, *A donzela e a moura torta*. Escrevia sobre temas da realidade com muita força dramática. A sua inquietação era imediatamente colocada no papel, com “*a agudeza da observação psicológica e a perspectiva social*”.

Para Marques de Melo, a crônica é o “*embrião da reportagem*” (MARQUES DEMELO, 1994, p.147 apud JURY, 2017, p.42). É uma narrativa sobre fatos corriqueiros observados pelo jornalista em um determinado espaço de tempo. O autor ainda coloca: “*Sua função é de depreender o significado, ironizar, vislumbrar a dimensão poética que não foi expressada na estrutura jornalística convencional*” (MARQUES DE MELO, 2012 apud JURY, 2017, p. 43). Dentro dessa afirmativa, compreende-se que a crônica não é

ficção pura, já que a realidade é visível no texto. Portanto, a missão do leitor é entender a mensagem com sutileza e identificar-se com as ideias do cronista.

Tratando mais agora da sua estrutura enquanto texto, Martinez Albertos (1974, p126) indica que o estilo da crônica deve ser direto ao captar a personalidade do jornalista. É um estilo livre, porém com enfoque noticioso, sob formato informativo-narrativo. Muitos cronistas se utilizam da improvisação, principalmente pelo fato de as ideias surgirem espontaneamente. O cronista deve ser criativo e autoconfiante. Normalmente, o tamanho da crônica varia entre uma ou duas laudas datilografadas. Muitas dessas características foram observadas nas crônicas da Rachel de Queiroz pela autora Letícia Arantes, que as catalogou e escolheu nove em especial para se dedicar a Análise Crítica do Discurso.

Rachel de Queiroz foi chamada “guardiã” por Kovach e Rosenstiel, pois assumiu a função de vigilante e prestadora de serviço público. Deu voz às pessoas mais ignoradas pelas sociedades, monitorou com muita coragem o poder, na tentativa de produzir um jornalismo revolucionário voltado para a construção de uma nação justa e igualitária. Sendo assim, Letícia Arantes observou:

“As crônicas de Rachel de Queiroz estão inseridas em um contexto jornalístico de uma publicação vanguardista, inovadora, que buscou uma linguagem moderna e um novo tratamento profissional as reportagens e suas temáticas. Que seus temas, suas narrativas, sua forma de abordar assuntos sociais, de forma crítica, irônica, muitas vezes com humor, enquanto outras de forma mais impositiva, demonstram a importância do jornalismo opinativo, da visão de mundo do articulista que se mostra comprometido com a sociedade e com as funções da imprensa, enquanto prática social ou como definiu a cronista, como trincheira” (JURY, 2017, p. 58, 59).

As crônicas de Rachel de Queiroz encontram-se disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O trabalho de coletar documentos históricos é imprescindível para entendermos e interpretamos assuntos do passado que vigoram até hoje. As nove crônicas escolhidas pela autora Letícia Arantes para a Análise Crítica do Discurso tratam dos temas sobre o Nordeste, sobre o preconceito racial e sobre a infância abandonada.

Começando sobre o assunto Nordeste, a autora escolhe as seguintes crônicas: *Águas do mar* (1953), que aborda o êxodo nordestino; *Açude da Serra* (1957), que trata sobre a exploração econômica do Nordeste com a execução de obras por interesse político, como a construção de açudes; e, *Nordestinos Profissionais* (1959), que completa a

análise das duas anteriores sobre a realidade de abandono e de desvalorização do nordestino.

Em seguida, entra na temática do preconceito racial e explora os títulos: *Agora é lei* (1951), escolhida por tratar sobre a primeira norma contra o racismo, a Lei Afonso Arinos; *Futebol em preto e branco* (1955), que fala sobre o preconceito racial no futebol brasileiro, tão presente nos dias de hoje; e, *Aqui D'el Rei* (1955), onde investiga um caso de um pai que tenta matricular a filha, que é negra, em duas escolas de São Paulo.

E, por fim, sobre a infância abandonada: *Menino Doente* (1950), onde a autora expõe sua preocupação com os casos de poliomielite no país e critica a ausência de políticas públicas, principalmente no Nordeste; *Vida de Criança* (1951), que aborda a ausência de estudos estatísticos para comprovar o descaso com a infância no Brasil; e, *Bichos e homens* (1957), em que a cronista defende os direitos dos animais e o atendimento integral a todos, enfatizando sobre a complexidade do organismo social.

A autora Leticia Arantes, ao analisar as nove crônicas, toma como referência autores como Berger (1998), Ab'Sáber (1999), Fairclough (2005, 2001 e 2012), Gomes (2000), Heller (1998), Sá (2005), Reuter (2014), Hall (1995), Candido (1992), Barbero (1995), Wodak (2004), Martinez Albertos (1974), Hollanda (2004), entre outros. De maneira geral, a autora pontua a linguagem irônica e sarcástica dos textos de Rachel de Queiroz; suas temáticas em compromisso com a realidade; sua habilidade em pegar o “miúdo” e mostrar nele uma grandeza através de sua consciência poética da atualidade; e, sobretudo, ter facilidade em demonstrar suas inquietações e sentimentos por meio da palavra e de sua relação íntima com o público-leitor. “Assim, o discurso de Rachel de Queiroz não apenas representa o mundo, mas consiste em uma significação do mundo, constituindo-se e construindo o mundo em significados” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91 apud JURY, 2017, p. 107).

Nas páginas seguintes, a autora coloca em pauta outros temas discutidos por Rachel de Queiroz como o envelhecimento, o retrato do brasileiro e de seus costumes e a situação de meninos e meninas em situação de rua. Com toda certeza, o principal marco desse trabalho é a crua crítica social embutida nos textos de Rachel de Queiroz. Ela realmente não mede esforços para denunciar os deslizes cometidos, principalmente pelas autoridades, durante a década de 50. A sua coragem e maturidade em lidar com tais problemáticas é capaz de inspirar novas lutas de resistência; de busca por uma sociedade mais solidária, mais justa e igualitária.

A autora também se preocupa em destacar a importância da revista como produto midiático e como extensão do jornalismo. Vogel (2013) a diferencia do jornal

principalmente pelo aspecto da periodicidade mais alargada, pela formulação da pauta e o tempo de apuração, pela linguagem e pelo desenho da página. Tavares e Schwaab (2013) mencionam sobre o aspecto noticioso analítico e interpretativo do gênero revista e ressaltam a insurgência do “casamento perfeito entre texto e imagem” proporcionado pelo aparecimento da revista impressa, que já conta com dois séculos de aparecimento no Brasil. Benetti (2013) caracteriza a revista como sendo algo durável e colecionável, ligada fortemente à sinestesia. É subordinada a interesses econômicos, institucionais e editoriais e contribui na formação de opinião.

Letícia Arantes, portanto, dedica a última parte do livro à revista O Cruzeiro e a coluna Última página, assinada por Rachel de Queiroz. Certamente, foi uma revista que marcou a história do Brasil e do jornalismo brasileiro. Ganhou seu apogeu nas décadas que seguiram a Segunda Guerra Mundial. O magnata Assis Chateaubriand comprou a ideia do jornalista português Carlos Malheiros Dias, que planejava lançar uma revista de circulação nacional. Com quinhentos contos de réis ele assumiria o controle da empresa que formalmente já existia e que, mesmo não sendo dona de uma única linotipo, era chamada de ‘Empresas Gráfica Cruzeiro S/A’.

Chateaubriand contou com o apoio do presidente Getúlio Vargas e no final de 1928 lançou a revista. Quatro milhões de folhetos foram atirados do alto dos prédios sobre as cabeças das pessoas que passavam pela Avenida Rio Branco. O nome da revista foi inspirado pela capa da primeira edição que teria o rosto de uma mulher que soprava um beijo para seus 50 mil leitores e sobre ela as cinco estrelas de prata do Cruzeiro do Sul. A capa tinha um aspecto bem futurista, o que conclui o quanto a publicação era vanguardista para a década de 30 do século passado.



Fonte: wikipedia



Fonte: wikipedia

A revista passou a circular semanalmente, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Sua riqueza gráfica, suas cores fortes e vivas e suas temáticas diversas colaboraram ao seu

sucesso. Foi a revista mais moderna de toda a história da imprensa brasileira, funcionando como instrumento de educação e de cultura.

A autora Letícia Arantes se preocupou em resgatar cada detalhe da trajetória de Rachel de Queiroz e de seu trabalho enquanto cronista da revista O Cruzeiro. Pesquisou e recolheu documentos de caráter bibliográfico e etnográfico durante dois anos. Viajou à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a um museu em Quixadá que conta um pouco sobre a história de vida da cronista. Percebe-se o zelo da autora em reconstruir essa história em seu livro, na medida em que buscou se aproximar ao máximo da realidade do sertão nordestino.

Certamente, esse contato direto entre a autora e as vivências do Nordeste, possibilitou uma obra de extrema verossimilhança. Esse aspecto torna a leitura ainda mais prazerosa, na medida em que o leitor é captado e instigado a criar esse imaginário de proximidade e empatia com as causas do sertão nordestino que foram objeto de estudo da cronista Rachel de Queiroz.

Sem dúvidas, é um livro inspirador. À cada página lida, um sentimento de compensação. O leitor realmente é envolvido no enredo. Se interessa pela história. Uma história tão importante de ser ouvida e contada. Rachel de Queiroz, a protagonista dessa história, com certeza é merecedora dessa memória trazida pela autora Letícia Arantes. E o jornalismo, por sua vez, é apresentado com mais um documento histórico de grande valor. Dessa forma, é preciso reconhecer a tamanha relevância do conteúdo abordado no texto, tanto para somar à história do jornalismo brasileiro, assim como valorizar o trabalho genial de Rachel de Queiroz, que morreu aos 92 anos, mas deixou um legado para a eternidade e uma lição aos jornalistas: fazer da imprensa um lugar de resistência.

Referências Bibliográficas

JURY, Letícia Arantes. *Imprensa como trincheira: as contribuições de Rachel de Queiroz para o jornalismo brasileiro*. – Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

TAMARU, Angela Harumi. *A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz*. - Campinas, SP: [s.n.], 2004.

ACIOLI, Socorro. *Rachel de Queiroz*. 4.ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2016.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. *Rachel de Queiroz, Jornalista*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 14 Nº 1. Janeiro a Junho de 2017 - ISSN 1984-6924.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em 20 de abril de 2019.